

*PARA QUE serve a LITERATURA INFANTIL?**

GRAÇA PAULINO**

Quando pais ou professores do Ensino Fundamental perguntam “afinal, que finalidade a leitura dessas historinhas pelas crianças pode ter?”, as respostas não são simples, nem diretas.

** Texto com apresentação e publicação eletrônica no 19º Encontro Nacional da ANPED (1996).*

*** Professora da FAE UFMG.*

Ilustrações: Reprodução de Matisse (Ícaro, 1947).

Alguns responderiam, pensando bastante, que, sendo a literatura uma arte, funciona como a música, ou como a pintura: não tem finalidade prática e imediata. O pequeno leitor lê aqueles livros que lhe provoquem alguma satisfação no momento mesmo da leitura, livros que o envolvam prazerosamente com o texto, com o modo de contar a historinha, e, afinal, pela própria história contada, que pode impressionar, emocionar, espantar. Seria um desenvolvimento da sensibilidade, que ocorre na criança pelo próprio ato de ler o livro, apreciando-o.

Essa resposta revela o respeito pelo mundo da arte, mostrando que a experiência artística não é só a do autor no momento em que escreve, mas também a do leitor. Para alguém definir assim a relação de um pequeno ser humano com um livro, quando este é uma obra de arte literária, é necessário pensar que isso – a apreciação artística – não é perda de tempo em nossa sociedade de hoje, em que a vida se faz de enigmas e de rápidas transformações. A arte nos permite conhecer melhor o exis-

tente, ao percebermos outras possibilidades de existir.

Então, diriam alguns, assistir às novelas da televisão também não seria perda de tempo! E os defensores da arte, mesmo de cara feia, teriam de concordar: as horas de lazer que se associam à invenção, à imaginação, ao faz-de-conta, são boas e importantes para as pessoas. Entretanto, alguém pode contra-argumentar, alegando que não considera novelas de tevê como obras de arte, porque são vulgares, repetitivas, forçadas. É que essa pessoa até hoje não conseguiu ver valor em alguma novela, não se envolve, não se emociona. Para essa pessoa, realmente as novelas de televisão não têm tido valor artístico.

Mas, para outros, têm. A validade artística de cada produção, seja um poema, seja uma peça de teatro, seja uma música, depende de quem a está “lendo”. Não há e nunca houve uma verdadeira arte que valesse o mesmo para todos no mundo, em todas as épocas, porque as pessoas têm expectativas, preferências e repertórios diferentes. Além do mais, há as dife-

renças de critérios de valor que dependem fundamentalmente de cada época histórica. Imaginem o que representa hoje para o leitor comum uma obra como *Os Lusíadas*, do poeta português Camões, que viveu e escreveu seus versos há quatrocentos anos. Parece quase escrita em outra língua, parece quase impossível a leitura. O cidadão comum teria de passar por uma formação em literatura e história literária, além de obter noções de como trabalhar filologia e estilística na leitura de poesia, para conseguir uma leitura satisfatória de *Os Lusíadas*.

Fica o valor da tradição, fica um reconhecimento intelectual de certas obras do passado, mas às vezes seu valor artístico concreto, fora da estante da biblioteca e das mãos de leitores de carne e osso, se perde. Ou se congela temporariamente. Perde-se a emoção, ao mesmo tempo lúcida e encantada da leitura e, sem esse conhecimento encantado, não há experiência artística, e, sem experiência artística, não há arte. A arte cadavérica dos museus e bibliotecas fechados ao público, aos quais é

permitido apenas o acesso de especialistas, é uma arte que está, por enquanto, congelada, esperando que, algum dia, se faça possível sua ressurreição.

Arte, diriam os “práticos”, arte para quê? É perda de tempo, é “frescura” de gente desocupada. Arte hoje não tem valor próprio, só vale se virar indústria e comércio, se tiver valor no mercado. Há muita discussão. Para as pessoas que acreditam no valor da experiência artística, nada de positivo, do ponto de vista humano, existe na idéia fixa de que tudo, inclusive o tempo, é dinheiro. O prazer e crescimento humanos que uma experiência artística pode trazer nunca seriam perda de tempo. Tempo é muito mais que dinheiro, porque a nossa vida inteira se faz do tempo, a nossa realização intelectual se faz no tempo, assim como nossos amores, nossas tristezas, nossos sonhos, nossas amizades, nossas brincadeiras.

Essas são experiências importantíssimas, tanto para cada um em particular, como para o chamado “bem-estar” social. Valem mais que todos os milhões de dólares, embora nenhum leitor, apreciador de literatura, música, pintura, garanta que, numa hora de aperto financeiro, não venda seus discos,

seus livros, seus quadros, seu televisor. Muitos já venderam até a alma, trocando-a por bens materiais. A sobrevivência física vem, é claro, em primeiro lugar. Mas quem só pensa em lucrar, tirar vantagem, exhibir-se, sentir-se dono da situação, trabalhar como escravo para subir na vida ou ridicularizar os outros, decerto perdeu (ou vendeu?) a *sensibilidade* – outro nome da alma – e vai precisar reencontrá-la. Uma das maneiras de conseguir isso é vivendo a experiência artística, entrando no mundo sem fronteiras da beleza que emociona, que surpreende.

Mas, por enquanto, estamos pensando nessa função da leitura literária que a criança faz. Nossa pergunta era: afinal, para que ser-



Cenas do filme Formiguinhas

ve essa tal de literatura infantil? Há os adultos que pensam nisso de um modo que tenta unir o útil ao agradável. Pensam assim: por que esse menino, enquanto vai gostando tanto da historinha que lê, não pode ir aprendendo algumas coisas de maior utilidade? Arte não pode ter aquilo que chamamos de “utilidade prática”? Será que uma criança, enquanto lê a história da cigarra e da formiga, não pode ir recebendo lições de zoologia, aprendendo algo sobre os insetos de verdade?

Bem, essa é realmente uma situação embaraçosa para as pessoas que acreditam no valor da experiência artística, tanto a do autor quanto a do leitor. Na historinha da cigarra e da formiga – uma fábula antiga – os insetos falam. E como essa fábula já foi traduzida em muitas línguas, a formiga e a cigarra são mesmo políglotas: falam português, inglês, francês, espanhol, alemão, russo, japonês... Além do mais, na fábula, a formiga guarda alimentos, como pedacinhos de folhas, para *comer* no inverno. Mais uma mentira, do ponto de vista da ciência. Imaginemos o que teria de ser alterado nessa fábula, para garantir que a história estivesse zoológicamente correta!

Por outro lado, nada garante que ela seja politicamente correta. As cigarras que cantam sem parar, pelo prazer da música, estão, é claro, representando os artistas que morrem pobres, abandonados, esquecidos. As formigas, que trabalham sem cessar, e sem deixar espaço para o lazer, são, evidentemente, operárias “viciadas” em trabalho que detestam qualquer outro prazer, porque estão convencidas de que não podem curtir as coisas belas da vida. Além de tudo, recusam auxílio ao próximo, carente de alimento, no frio. Nessas alturas, devemos perguntar de novo: que finalidade tem a existência de um texto, de uma história como esta da cigarra e da formiga, na nossa sociedade?

A fábula da cigarra e da formiga, como toda fábula no sentido clássico, transmite uma “lição de moral”, não só para as crianças, mas, principalmente, para os adultos. Nesse caso, a de que é preciso trabalhar duro para sobreviver. Mas a arte, nessa história, não é considerada um trabalho digno, do qual as pessoas possam querer sobreviver. As cigarras não são “prá-

ticas”, como as formigas. Dedicadas ao canto, estão condenadas a morrer de frio e de fome no inverno. O poeta, tomando o partido dos artistas, reage, como José Paulo Paes: *mas sem a cantiga/ da cigarra/ que distrai da fadiga/ seria uma barra/ o trabalho da formiga.*

Trata-se de uma lição, essa da fábula, que pode ser considerada estreita, autoritária, porque a opção diferente de vida é condenada e sacrificada. Se alguém, algum trabalhador, por exemplo, gosta apenas dessa lição da fábula, porque concorda com ela, a beleza que admira é *moral*, e não artísti-



José Paulo Paes (1926-1998)

Fonte: Atual Editora.

ca. Esse trabalhador-leitor não admira a beleza dos versos de La Fontaine, não aprecia o jeito diferente que o autor inventou para contar essa história do trabalho. Não é artística, portanto, a sua experiência, e essa é a questão. Podia ser científica, e não artística. Podia ser política, e não artística.

Mas, afinal, por que esse aparente desprezo pela arte? A arte deve ser considerada assim tão marginal, tão separada das outras atividades humanas, que mereça ser ignorada? Ou valorizada em si mesma, pura, desligada de qualquer outro interesse? Eis aí outro ponto embaraçoso. Quando começamos a pensar na fruição artística dos textos: esse interesse, afinal, está misturado a outros, ou não? O trabalhador sisudo poderia, ao mesmo tempo, apreciar a moral da história e o texto de La Fontaine? Ou deve vir sempre sozinho esse interesse pela arte? Ou, ainda, a arte canta como um passarinho, enquanto os outros passarão, carregando pedras, marmitas, pastas de executivos, cadernos de escola? Uma tomada de posição do professor sobre essa questão é funda-

mental. Os leitores pequenos nem querem ouvir falar disso, mas os que *estudam* literatura, *ensinam* literatura, precisam disso. Com gosto, é claro, mas também com muita reflexão.

Primeiro, não só há vários tipos de livros, de textos, dentre os quais deveríamos poder escolher os de nossa preferência, como também há vários tipos de interesses na sociedade, os quais estão desligados da arte. Ou temos interesses verdadeiramente artísticos, isto é, ou gostamos de música, pintura, escultura, literatura pelo que são, ou vamos escolher textos por outros interesses, como o de disciplinar a sociedade, o de manter a saúde, o de transmitir conhecimentos científicos, ou até o de garantir a família e a propriedade. Para quem acredita na criação, na fantasia que não rende juros ou tantos honorários, deve ser o da apreciação, o da admiração, o da comoção diante de algo que nos pareça muito bonito, diferente e instigante. Depois disso, outros interesses podem surgir e nos ocupar. Aliás, com certeza, outros interesses humanos sempre estiveram e são associados à experiência artística. Por exemplo, lemos um poema de um

escritor mineiro, Alphonsus de Guimaraens:

ISMÁLIA

*Quando Ismália enlouqueceu,
pôs-se na torre a sonhar...*

*Viu uma lua no céu,
viu outra lua no mar.*

*No sonho em que se perdeu,
banhou-se toda em luar...*

*Queria subir ao céu,
queria descer ao mar...*

*E, no desvario seu,
na torre pôs-se a cantar...*

*Estava perto do céu,
estava longe do mar...*

*E como um anjo pendeu
as asas para voar...*

*Queria a lua do céu,
queria a lua do mar...*

*As asas que Deus lhe deu
ruflaram de par em par...*

*Sua alma subiu ao céu.
Seu corpo desceu ao mar...*

Algum leitor adolescente, comovido com a “loucura” de Ismália, e envolvido na melodia dos versos, nos sons abertos como asas, entende com a alma e com o intelecto essa situação humana, enquanto lê. Sua intuição participa

da experiência, ama o jeito que o poeta inventou para apresentar, em tão poucas e belas palavras, uma situação, ao mesmo tempo comum e complexa: querer duas coisas opostas ao mesmo tempo, entregar-se a esse desejo fulminante e total, obter em sonho a união dos opostos, que, enfim, não se opunham tanto, por serem ambos – luas – tão lindos. Intui esse leitor encantado que o sonho e a realidade não são feitos de matérias diferentes, embora às vezes pareçam tão distantes um do outro.

Eis aí, realizada, o que se pode chamar de *leitura literária*. É pouco? Interessaria, de fato, saber o sentido do verbo *ruflar*? Interessaria, de fato, recontar, com suas próprias palavras – ah, quem nos dera palavras próprias de verdade, ou melhor, ainda bem que ninguém possui palavras próprias, só suas de verdade, como uma escova de dentes... – mas, de qualquer modo, interessa de fato saber recontar fielmente a história de Ismália?

Ismália, quem diria, acabou morrendo numa favela do Rio de Janeiro... ou num apartamento de cobertura na Praça da Liberdade. Então, perguntam os práticos, para que ler esse poema? Não vai incentivar suicídios? Não vai dar es-

paço ao baixo astral? Na formação da cidadania, para que ler um poema que fala de uma louca varrida, presa numa torre, que dali se atira e morre afogada?

Estamos diante de mais uma questão difícil para os que amam a arte. Parece que hoje pouquíssimos sonham com lua e mar, sonham mais com videocassete, carro próprio, CD player... o que se poderia comprar. Por que levar para alunos adolescentes um poema como este?

Imagino-me, como professora, lendo esse poema, junto com meus alunos de 4ª série. Apenas ler, e só continuar com o assunto se requisitada. Ridícula? Sinceramente, não sei. Quatro, com pessimismo, ou 14, na melhor das hipóteses, dos meus 40 alunos, participariam do encanto. Mas, se, no início de cada aula, nós (porque com o tempo surgiriam outros leitores de poemas, além de mim), se gastássemos dois minutos para ler um poema, talvez, no fim do ano, seriam mais de quatro a prestar atenção. A gente iria mudando o jeito de poetar, iria mudando o jei-

to de falar dos sonhos, iria mostrando que as maneiras são muitas, quase infinitas, quando a poesia... vai-se fazendo.

Seria a poesia apenas o fútil, o luxo, quando a escola precisa cuidar daquilo que se chama *leitura funcional*, que, se não dá dinheiro, pelo menos ajuda o cidadão-leitor a defender condições um pouco mais dignas de sobrevivência?

Ora, funcional, na sociedade de amanhã, na sociedade de 2001, por exemplo, é impensável hoje, como se fosse algo já pronto. Na rapidez com que a tecnologia se move, correremos atrás dela é inútil. Mais “funcional”, hoje, talvez seja mesmo esse despertar da sensibilidade para aquilo nunca visto, nem previsto. A língua portuguesa escrita estará presente de que maneira nas nossas vidas daqui a 20 anos? Em livros, como os de hoje? Nas telas dos computadores? Em quais situações de comunicação rápida a nossa língua escrita não terá sido substituída por ícones, essas figurinhas que já aparecem tanto nas portas de banheiros, no lugar das palavras *homem e mulher*?

Apoiar a visão da antiga sociedade industrial, que queria produzir o cidadão detentor de informações para a sua especialidade, porque assim se garantia a sua competência e a sua produtividade, não deve ser objetivo da escola, numa sociedade em que as máquinas mudam a cada dia, em que a capacidade de improvisar, de inventar, de deduzir quais mudanças de comportamento são possíveis passou a ser fundamental.

Quando uma criança aprende a ler, seu acesso a qualquer tipo de texto escrito está, aparentemente, garantido. Todavia, pode acontecer que ela não saiba ler textos diferentes daqueles da cartilha. Ela pode chegar ao gênero “texto didático” e daí não passar. E pode associar tanto a leitura às suas obrigações escolares, que se mostre incapaz de ler quando sair da escola. Isso não ocorreria, se a criança desenvolvesse o gosto e as habilidades próprias da leitura literária.

Entretanto, na maior parte das vezes, a leitura se dá como atividade de rotina, esvaziada de valores maiores que o da decodificação para a repetição dócil dos textos.



Preparada assim para seguir modelos sociais ultrapassados, a essa criança está sendo negado o espaço da própria sobrevivência econômica acima do subemprego. A arte, e mais especialmente a arte literária, nessas historinhas que chegam às crianças, pode, ao transformar-se em experiência artística, ser mais importante do que parece. Não é fácil responder para que serve às crianças ficarem lendo esses livros, em que parece que nada se ensina ou nada se aprende. Mas perguntas é que interessam. O futuro? Nem a Deus nem ao computador pertence com exclusividade.

Trabalhar leitura com perguntas, com o imaginário, isto é, trabalhar as diferentes leituras possíveis, sem anular as diferenças, as dúvidas e as emoções, decerto não é fácil para um professor que se formou em outros procedimentos metodológicos. Não se admitia, até há poucos anos, que a ciência, a arte e a filosofia se desenvolvessem pela capacidade de fazer per-

guntas, e não pela de fornecer respostas. Na leitura escolar, as perguntas – o célebre estudo dirigido e as não menos célebres fichas de leitura – eram consideradas tão sem importância que já vinham prontas para os alunos. Ora, aprender a lidar com novos textos escritos, sejam eles informativos ou poéticos, é exatamente aprender a fazer perguntas pertinentes – ou impertinentes – a eles.

Há quem ainda julgue impossível um trabalho sério na área da linguagem com a leitura literária. Mas a literatura é uma das variações da língua, uma das que compõem esse conjunto heterogêneo e histórico chamado língua, que fica no singular nas gramáticas normativas.

Se levarmos a sério o fato de que os textos são processos de comunicação que só se completam na interlocução, a leitura literária torna-se fundamental para que esse uso literário da língua realmente se concretize na sociedade. Evidente-

mente, as possibilidades da leitura literária exigem que o trabalho escolar seja repensado, assim como o processo de avaliação. Tudo isso só tem sentido num modelo menos imediatista e menos repetidor de conhecimento. Um modelo capaz de produzir também conhecimento estético, integrando-o à vida dos cidadãos. •

Referências bibliográficas/ Sugestões de leitura

- ABRAMS, M. H. *The mirror and the lamp*. New York: Norton Library, 1958.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp, 1993.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 1974.
- BLOOM, Harold. *Cabala e crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CANDIDO, Antônio & CASTELLO, Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- PÉREZ, Carlos. *Do gozo criador*. Campinas: Escuta, 1987.
- ZILBERMAN, Regina (Org). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.